

A EDUCAÇÃO NO CAMPO SEGUNDO ROUSSEAU: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA

LA EDUCACIÓN EN EL CAMPO SEGÚN ROUSSEAU: UNA PROPUESTA PARA LA FORMACIÓN INFANTIL

Diana Mariluz Pérez Angarita¹

Eder Vasconcelos Alves²

Resumo: O presente trabalho pretende abordar na obra *Emílio ou da Educação* de Rousseau, aspectos relevantes sobre a educação no campo, com a finalidade de mostrar que a natureza, a educação natural ou doméstica, contribuem positivamente no desenvolvimento da criança. Desse modo, todos esses parâmetros permitem afirmar que a educação no campo é o ponto de partida na formação da criança, já que é o lugar mais próximo do estado de natureza, ou seja, o espaço onde o homem se encontra menos corrompido, ao favorecer uma formação mais autêntica, posto que na cidade predominam os vícios e a contaminação ambiental. A criança se encontra numa fase de exploração do meio ambiente que possibilita a construção do conhecimento, portanto, as experiências lhe permitem fortalecer a liberdade e a autonomia que são fundamentais e indispensáveis no ser humano, especialmente se tiverem início no campo, longe das cidades. Desta maneira, todas essas perspectivas ajudam a compreender a valorização e importância que Rousseau dá ao campo, sobretudo no *Emílio*, ao considerá-lo e apreciá-lo como um espaço de grande significação para o processo educativo da criança.

Palavras-chave: Rousseau. Educação. Natureza. Autonomia. Liberdade.

Resumen: El presente trabajo pretende abordar en la obra *Emilio o de la Educación* de Rousseau, aspectos relevantes sobre la educación en el campo, con la finalidad de mostrar que la naturaleza, la educación natural o doméstica, contribuyen positivamente en el desarrollo del niño. De ese modo, todos esos parámetros permiten afirmar que la educación en el campo es el punto de partida en la formación del niño, ya que es el lugar más próximo al estado de naturaleza, es decir, el espacio donde el hombre se encuentra menos corrompido, al favorecer una formación más autêntica, puesto que en la ciudad predominan los vicios y la contaminación ambiental. El niño se encuentra en una fase de exploración del medio ambiente que posibilita la construcción del conocimiento, por lo tanto, las experiencias le permiten fortalecer la libertad y la autonomía que son fundamentales e indispensables en el ser humano, especialmente si tienen inicio en el campo, lejos de las ciudades. De esta manera, todas esas perspectivas ayudan a comprender el valor y la importancia que Rousseau le da al campo, sobre todo en el *Emilio* al considerarlo y apreciarlo como un espacio de gran significación para el proceso educativo del niño.

Palabras clave: Rousseau. Educación. Naturaleza. Autonomía. Libertad.

Introdução

A educação desempenha um papel essencial na sociedade, sendo objeto de estudo e reflexão de inúmeros autores ao longo da história. Entre eles, destaca-se o filósofo Jean-Jacques

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás, Mestre em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo e graduada em Educação menção Castelhana e Literatura, pela Universidade dos Andes (Venezuela). Email: dianadmpa@gmail.com

² Licenciado em Educação Física (UEG), Pós-graduando lato sensu em Docência da Educação Básica e Profissional pelo Instituto Federal de Goiás. Coordenador Pedagógico de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Email: vasconcelosef@yahoo.com.br

Rousseau, que, em sua obra *Emílio, ou Da Educação*, apresentou uma proposta pedagógica de grande relevância. Embora escrita no século XVIII, essa obra mantém-se atual, consolidando-se como um paradigma e uma referência para outros pensadores da educação. Nesse contexto, a leitura desse texto clássico é indispensável para os educadores, pois educar vai além da mera transmissão de conteúdos. É fundamental que os educadores ampliem sua visão e promovam uma consciência transformadora nos educandos, capacitando-os a enfrentar os desafios e situações da vida de forma crítica e racional. Antes de aprofundar o tema desta investigação, apresentaremos alguns aspectos biográficos do autor dessa importante obra.

Jean-Jacques Rousseau³ nasceu em Genebra, Suíça, em 28 de junho de 1712. Sua mãe faleceu durante o seu parto e ele foi criado por seu pai, que era relojoeiro de mérito e tinha alguma instrução. Conforme é revelado em sua obra *Confissões*, Rousseau se perdia na noção do tempo durante suas leituras, em companhia de seu pai, dos romances que sua mãe deixara. Aos 10 anos, quando seu pai abandona Genebra, seu tio maternal o recolhe, e a aproximação com a simplicidade da vida no campo junto ao seu primo Bernard, fez um bem inestimável ao jovem Rousseau e abriu-lhe o coração à amizade, às condições simples e à vida campestre. Diz ele: (Rousseau, 1964, p. 24): “Tudo alimentava no meu coração as tendências que este recebera da natureza”.

Aos 16 anos, ao retornar a Genebra para ali viver um curto tempo de sua vida e aprender um ofício, costumava sair com amigos para pequenos passeios pelos bosques e vilarejos próximos da cidade. Certo dia, após um desses passeios, ele se deparou, já pela terceira vez, com as portas da cidade fechadas. Nesse momento, indignado com a condição de não poder gozar livremente seu tempo e ser impedido de entrar em sua própria cidade, resolve abandoná-la. Diz ele em suas *Confissões*:

A minha vigilância foi posta em cheque por um maldito capitão chamado Monsieur Minutoli, que fechava sempre a porta a que estava de guarda meia hora antes dos outros. Eu regressava com dois colegas. A meia légua da cidade, ouço tocar a recolher; dobro o passo; ouço tocar o tambor, desato a correr: chego esbofado, alagado de suor; o coração pulava-me (...). No primeiro arrebatamento da dor, atiro-me para o talude e mordo a terra. Os meus colegas, rindo-se da sua desdita, tomaram no mesmo instante o seu partido. Eu tomei

³ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) considerado um dos maiores pensadores do século XVIII e que influenciou várias reformas educacionais com sua produção intelectual. Entre suas principais obras temos romances, cartas, tratados e sua autobiografia. Entre suas principais obras, temos o *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750), *Discurso sobre a origem das desigualdades entre os homens* (1755), *Júlia ou a Nova Heloísa* (1761), *Do Contrato Social* (1762), *Emílio ou Da Educação* (1762), *Ensaio sobre a origem das línguas* (1781), *Confissões de Jean-Jacques Rousseau* (1782), *Devaneios do caminhante solitário* (1782).

o meu; mas foi de maneira diferente. Ali mesmo jurei nunca mais voltar para casa de meu patrão; e no dia seguinte, quando, à hora de abrir as portas, entraram na cidade, disse-lhes adeus para sempre... (Rousseau, 1964, p. 49).

Desse modo, inicia-se sua vida nômade pelo mundo afora, cujo percurso o levará a percorrer inúmeros caminhos campestres pelo sul da França, ao norte da Itália para, por fim, chegar a Paris, o centro cultural da Europa em seu tempo que, contraditoriamente, valorizava o luxo, o progresso e renegava as condições simples da vida interiorana. Para tanto, Rousseau consegue uma carta de recomendação do sacerdote católico, o padre Conignon, e, por sua vez, ele se dirige primeiramente à cidade de Annecy, na França, onde é recebido pela Madame de Warens,⁴ personagem de grande representação em sua vida. Nessa trajetória pela França, ele se dedicou aos estudos da composição musical, foi professor de música, preceptor; depois secretário da embaixada francesa e foi nessa trajetória que iniciou sua produção e suas contribuições na vida intelectual (Fortes, 1989), uma vez que, após toda essa “jornada” o genebrino se tornou um dos *philosophes* mais destacados, considerado como um dos principais nomes do Iluminismo; um escritor de renome internacional e um compositor que foi, de certa forma, festejado no século XVIII.

A vida de Rousseau, porém, é percebida desde diferentes perspectivas - a filosófica, a política, a educativa, além de seus interesses com a botânica e as artes. Suas composições musicais rivalizaram-se com o grande compositor da época, que era Rameau.⁵ Ou seja, não se pode negar que trata-se de um ser humano dotado de talentos e habilidades, quem com suas produções, aportou à sociedade conhecimentos sobre distintas realidades e influenciou grandemente o pensamento moderno. Embora numa perspectiva crítica, o historiador Paul Johnson (2007) admite que Rousseau foi o primeiro dos intelectuais modernos e talvez o mais influente de todos.

Vale destacar que, Rousseau foi pioneiro, no século XVIII, ao apresentar, em seus estudos, um olhar diferenciado às crianças e à educação. Em sua obra, *Emile, ou de l'Éducation*, ele concebe a infância como um período imprescindível na constituição do ser humano e nas relações estabelecidas em sua vida social. A obra foi escrita em forma de romance no qual um

⁴ Françoise-Louise de la Tour, baronesa de Warens (1699-1762) tornou-se protetora e amante de Rousseau. Convertida ao catolicismo, recebia do Rei da Sardenha, Vitor Amadeu II (1666-1732), uma pensão para dedicar-se à vida religiosa e à conversão dos jovens protestantes.

⁵ Jean-Philippe Rameau (1683-1764), Compositor e teórico musical francês. Considerado um dos mais importantes compositores e teóricos musicais franceses do século XVIII.

órfão é entregue a Jean-Jacques, o preceptor, que o recebe para educá-lo do nascimento até à idade do matrimônio. A referida obra está organizada em cinco livros, trazendo como referência a educação, ao instruir a criança em cinco etapas até que complete sua fase adulta. Ao longo desses livros em diversas ocasiões o campo é destacado como um dos melhores espaços para a educação de Emílio, uma vez que desde o início o autor fala de “natureza”, “jardim”, “liberdade”, o “ar do campo” e outros termos que evocam o distanciamento da cidade e a aproximação do mundo rural. Diz ele ao final do Livro Primeiro:

Criados no campo dentro da rusticidade campesina, vossos filhos adquirirão uma voz sonora; não contrairão o gaguejar confuso da cidade; nem contrairão tampouco as expressões e o tom da aldeia, ou os perderão facilmente, quando o mestre, com elas vivendo desde ao nascerem e aí vivendo dia a dia mais exclusivamente, evitará ou apagará, pela correção de sua linguagem, a marca da linguagem dos camponeses. Emílio falará um francês tão puro quanto o que posso saber, mas o falará mais distintamente, e o articulará muito melhor do que eu (Rousseau, 1973, p. 56).

E logo em seguida, no início do Livro Segundo, ele diz: “Eis mais uma razão para querer educar Emílio no campo, (...) longe dos maus costumes das cidades” (Rousseau, 1973, p. 82). Afirmações que fazem do “campo” um espaço privilegiado. Por isso, o propósito deste artigo é destacar a importância que tem o campo-natureza para a formação da criança. Esta pesquisa faz uma abordagem sobre a educação no campo, segundo Rousseau, baseada em seu tratado de educação, o romance *Emílio ou da educação*, cuja leitura foi realizada de modo bibliográfico e hermenêutico. Desta maneira, são tomados em conta os elementos primordiais, enunciados explícita ou implicitamente na obra, que são imprescindíveis para educar a criança no ambiente rural ou campestre. Pois, o campo aparece como o lugar mais idôneo para que a criança tenha maiores possibilidades de desenvolver esses elementos, como o de exercitar-se fisicamente, praticar sua liberdade de movimento, ter mais contato com a natureza, entre outros que podem propiciar uma formação integral, oferecendo-lhe um maior bem-estar físico, emocional e mental, que lhe permite alcançar a liberdade e autonomia, as quais são indispensáveis para o ser e fazer humano.

Como Rousseau, na primeira parte do texto das *Confissões* (1964), expressa a influência que teve o campo na sua vida, em reiteradas ocasiões fala de suas experiências e vivências nesse lugar que foram significativas, gerando um impacto positivo na sua existência.

A vista dos campos, a sucessão dos aspectos agradáveis, o bom ar e o bom apetite, a boa saúde que adquiro andando, a liberdade das tascas, o afastamento de tudo quanto me faz sentir a minha dependência, de tudo o que

me recorda a minha situação, tudo isto desoprime a minha alma, me dá uma maior audácia de pensar, me lança de certo modo na imensidade dos seres, para os combinar, escolher, fazê-los meus à minha vontade, sem constrangimento e sem temor (Rousseau, 1964, p. 163).

O campo foi tão significativo para ele, que no *Emílio* a natureza ou o campo é o habitat ideal para uma vida saudável, agradável e aprazível, a qual coadjuva e contribui com a felicidade da pessoa que tem a oportunidade de contactá-la e explorá-la. De tal forma, todos os elementos naturais que pertencem a esse espaço geográfico, aportam grandes benefícios para o desenvolvimento da criança, que está conhecendo esse meio ambiente, como proclamou Rousseau na abertura de seu tratado que tudo saiu perfeito das mãos do criador. Isso nos demonstra que o autor do *Emílio* esteve muito consciente da perfeição e harmonia que produz ou gera a natureza, já que foi criada pela sabedoria da Divindade.

Nesse sentido, para este artigo são abordados diversos fatores que são propícios para a educação do indivíduo, os quais possibilitam o conhecimento, as experiências e a formação da criança. Dessa maneira, isso nos permitirá relacionar os aspectos relevantes para poder valorizar e compreender a importância de educar no campo.

O mundo da criança e a infância

Como mencionado anteriormente, Rousseau foi precursor do olhar para a infância, uma vez que a sociedade europeia do século XVIII atribuía um valor negativo a ela, ao procurar o homem na criança, com uma visão utilitarista e reducionista da infância. Não percebiam que se trata de uma fase distinta do desenvolvimento humano, com suas peculiaridades e necessidades específicas. Ou seja, buscavam, segundo Ariès (1986), prepará-la para a vida adulta, em vez de reconhecê-la como uma etapa única e valiosa. Nesse contexto, Rousseau contribui com a discussão ao apresentar em seu romance, a compreensão de que a infância se inicia ao nascer, tem suas especificidades, como ele diz no *Emílio*: “A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas; a infância tem o seu na ordem da vida humana; é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança” (Rousseau, 1973, p. 61-2). Desse modo, o ato de educar começa no nascimento, respeitando essa especificidade, o cuidado próprio dessa idade e os processos cognitivos que devem se desenvolver *pari passu*, até atingir a idade adulta:

Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o

que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação (Rousseau, p. 1973, p. 10).

No entanto, apesar dos estudos e pensamentos de Rousseau estarem a frente de seu tempo, a concepção de infância ainda não tinha lugar de destaque no século XVIII, pois a sociedade era herdeira de uma concepção cultural predominante na Idade Média, em que a infância não era percebida como uma fase especial ou autônoma da vida, mas como uma transição breve e pouco significativa rumo à vida adulta. Até mesmo a arte medieval a abnegava ao retratá-las com roupas de adulto, em posições rígidas e todo aparato de um mundo que não lhe era próprio. Com isso, a educação da criança estava relacionada às aprendizagens estabelecidas por meio das tarefas que realizavam com os adultos, distinguindo da compreensão dos estágios da infância da sociedade moderna (Ariès, 1986).

Philippe Ariès (1986) contribui grandemente com essa discussão, ao investigar essa problemática e interpor a obra de Rousseau como um marco divisório e inaugurador da infância como entendemos hoje. Ao investigar as representações iconográficas leigas e religiosas, bem como cartas, registros de batismo, diários de família, túmulos, Ariès descreveu a trajetória da infância, ressaltando que o sentimento de amor pelas crianças, durante muitos séculos, esteve contido e ausente. Já a partir do século XII, nas representações iconográficas, o autor percebe que as crianças quase não eram retratadas. Já no século seguinte, as crianças começaram a ser representadas, com o “sentimento de infância”, aproximando-se do conhecido na contemporaneidade. Ademais, quase toda retração figurava a criança nos espaços urbanizados, salões de festas e ambientes fechados; e quase nunca no campo, de modo a retratá-las livres, com seus jogos e divertimentos infantis. Assim a infância e o campo não existiam no espectro das percepções sociais.

O sentimento de infância, a conduta no meio social, a apreensão com a educação pedagógica e moral, representam ideias que nascem na modernidade e conduzem ao processo histórico da construção das concepções de infância. Ariès (1986) ainda afirma que a especificidade da infância não se tornará identificada, reconhecida e realizada por todas as crianças, uma vez que os cenários sociais, culturais e econômicos interferem na forma que elas vivem a infância. Assim, o pesquisador afirma que:

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da

particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes (Ariès, 1986, p. 156).

Nesse contexto, Ariès (1986) comenta em seus estudos que, a partir do final do século XVI e XVII, o sentimento da infância se desenvolveu de forma mais significativa e numerosa, uma vez que os aspectos culturais, sociais e econômicos começaram a mudar, e foi possível perceber no modo de vestir, na separação das crianças de classes sociais distintas, bem como no pensamento para com a educação. Assim, tem início a modificação da forma de ver as crianças como adultos em miniaturas.

O historiador francês ainda discorre em seu estudo que, no século XVIII, a infância começa a ser notada, e isto é percebido nas representações artísticas, as quais passaram a figurar o sentimento do adulto sendo expressado às crianças. Com isso, surgem as chamadas cenas de infância literárias, conforme denominada por ele, em que são reveladas as investigações sobre o corpo, a primeira infância e a linguagem da criança (Ariès, 1986). Mas nada ainda que abrisse um cenário de gozo e liberdade que Rousseau pintou do campo, pois como diz Ariès (1986, p. 55):

a criança se tornou uma das personagens mais frequentes dessas pinturas anedóticas a criança com sua família; a criança com seus companheiros de jogos, muitas vezes adultos; a criança na multidão, mas “ressaltada” no colo de sua mãe ou segura pela mão, ou brincando, ou ainda urinando; a criança no meio do povo assistindo aos milagres ou aos martírios, ouvindo prédicas, acompanhando ritos litúrgicos, as apresentações ou as circuncisões; a criança aprendiz de um ourives, de um pintor etc; ou a criança na escola.

Nesse cenário, Rousseau se destaca dos pensadores de sua época, com a publicação de seu tratado de educação, apresentando uma perspectiva nova, pois trazia contribuições para compreender a infância, ao enfatizar que se deve ver a criança em seu próprio mundo e não como uma mera pré-figuração do adulto, pois ela revela capacidade criativa e imaginativa, bem como apresenta características próprias que devem ser cultivadas a fim de contribuir com seu desenvolvimento em cada uma das fases de maturação biológica, mental e social. O próprio livro, escrito em cinco partes, traz a evolução desse processo cognitivo desde a primeira infância até a idade adulta. O Livro I trata da idade de 0 a 2 anos, com suas especificidades; o Livro II dos 2 aos 12 anos; o Livro III dos 12 aos 15, o Livro IV dos 15 aos 20 e o Livro V dos 20 aos

25 anos. Os dois primeiros se dedicam inteiramente à infância, pois tem, segundo o autor, seu valor próprio, conforme os desígnios da natureza:

A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de ser homens. Se quisermos perturbar essa ordem produzimos frutos precoces, que não terão maturação nem sabor e não tardarão em corromper-se; teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, pensar, de sentir que lhe são próprias; nada menos sensato do querer substituí-las pelas nossas; e seria o mesmo exigir-se que uma criança tivesse cinco pés de altura como juízo aos dez anos. Com efeito, que lhe adiantaria ter razão nessa idade? Ela é o freio da força, e a criança não tem necessidade desse freio (Rousseau, 1973, p. 75).

Dessa maneira, nesses dois primeiros livros, Rousseau trata da infância como “a idade da necessidade” e “a idade da natureza” que, no relato romanceado da obra, compreende a fase que vai do nascimento de Emílio até seus 12 anos de idade:

O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai do nascimento à idade de doze anos. É o momento em que germinam os erros e os vícios, sem que se tenha, ainda, algum instrumento para destruí-los; quando o instrumento se apresenta afinal, as raízes são tão profundas que já se faz impossível arrancá-las. Se as crianças pulassem de repente do seio à idade de razão, a educação que se lhes dá poderia convir-lhes; mas, de acordo com o progresso natural, precisam de uma inteiramente contrária (Rousseau, 1973, p. 79).

Rousseau também afirma que a educação primeira da criança deve ser negativa, percebendo a criança em seu mundo, valorizando a sensibilidade física e deixando a natureza agir, a fim de proteger o coração dos vícios, o espírito do erro e preservar a pureza inicial. Pois não se deve ensinar nada à criança, enquanto essa não estiver preparada para aprender, mas respeitar o que ele chamou de “marcha da natureza” (Rousseau, 1973, p. 6) e seguir o caminho que ela indica (Idem, p. 22). Isto é, um processo gradual de formação por meio de experiências concretas e lúdicas que se aproximem da realidade/contexto da criança. Uma vez que o objetivo é formar indivíduos capazes de desenvolver, além do processo psicocognitivo, uma moralidade autônoma, utilizando ferramentas fornecidas pela educação (Rousseau, 1973). Como dizem Paiva e Magalhães (2023, p. 49-50):

A criança é o exemplo mais aproximado do homem natural, pois encontra-se numa fase cuja ausência de vícios lhe é característica. Fase na qual o amor-próprio ainda não se desenvolveu e, dependendo da educação que tiver, seu desenvolvimento pode-se dar de tal modo que as idades sucessivas possibilitem o surgimento de um adulto autônomo, mas sensível o suficiente para conhecer seus limites e suas responsabilidades.

Essa relação respeitosa entre os limites naturais do crescimento e da educação possibilita que a criança se desenvolva com liberdade e independência. Pois ela tem sua própria forma de ver, pensar e sentir. Porém esse processo não tem como acontecer de forma plausível sem a sábia condução do preceptor, ou seja, da condução pedagógica. Igualmente, não se realiza a contento nos “formigueiros”, que são os espaços urbanos onde o ar se tornou denso, as ações humanas se tornaram corrompidas pelo luxo, de modo que as cidades se tornaram os “báratos da espécie humana” (Rousseau, 1973, p. 38). Diante disso, é preciso perguntar então: onde educá-la? E a resposta que Rousseau apresenta no *Emílio* é incisiva e deixa claro que é no campo e não na cidade. Por quem? Também no *Emílio* a resposta parece clara, pois é Jean-Jacques, o tutor, quem simboliza a pessoa sensível, prudente e responsável que deve ser todo educador, o condutor do processo.

Abordagens da educação no *Emílio*: por que educar no campo?

Emílio ou da Educação, uma das mais importantes obras do filósofo genebrino, foi publicada pela primeira vez em 1762, e, por sua vez, inspirou vários estudos posteriores de concepções pedagógicas e estudos filosóficos. Esta obra é rica em elementos e de uma complexidade com relação ao sistema de educação. Para o autor, o desenvolvimento e a formação do homem estão relacionados à interação deste com os elementos naturais e o desenvolvimento da razão, após as aquisições e aprendizagens decorrentes das experiências no meio natural. Nesse sentido, as instruções pedagógicas no *Emílio* se consolidam na interação do homem com a natureza física e os seus elementos – terra, água, árvores, ar. No livro I Rousseau aborda diversos aspectos da educação, que são de grande importância para o desenvolvimento da criança, como a importância do aleitamento materno, dos alimentos naturais e do ar puro. Diz ele: “As camponesas comem menos carne e mais legumes do que as mulheres da cidade; e esse regime vegetal parece mais favorável do que contrário a elas e a seus filhos” (Rousseau, 1973, p. 36). Vários outros trechos poderiam ser citados nos quais a preferência de Rousseau pelo campo é ressaltada.

Embora escrita de forma meio romanceada, a referida obra é considerada um tratado para a educação, ao sustentar um longo processo educativo que se desenvolve próximo das condições naturais a fim de formar uma espécie de homem natural para viver em sociedade. Assim, *Emílio* resulta em uma criativa “conjectura” (Boto, 2010) pela qual o próprio autor se realiza, uma vez que transporta para ela um pouco do que vivenciou em sua infância e um pouco

do que gostaria de ter vivenciado. Diz Boto (2010, p. 223): “No Emílio, Rousseau propõe-se a protagonizar o relato de um aluno imaginário — de quem ele próprio (convertido agora em tutor) será o único mestre, guia e pedagogo da criança que inventou”. Era, portanto, uma criança fictícia, na qual o autor poderia pincelar todos os traços desejados: era saudável, órfã (desprovida dos vícios e defeitos que poderiam ter sido transmitidos pelos pais), inspirada no desejo de uma educação que poderia ter sido para si mesmo.

Assim se desenvolve esse *Bildungsroman*⁶ *avant la lettre* e *sui generis*, no qual o protagonista é orientado desde seu nascimento até a maturidade, via as lições da natureza, ou seja, Emílio passa a ter uma educação natural que segue a marcha da natureza e respeita cada fase que ela lhe proporciona, devidamente interpretada pelo preceptor. Assim, Rousseau propõe uma educação com única finalidade – formar um homem –, com base em princípios estáveis em relação ao lugar e ao tempo. Diz ele (1973, p. 15):

Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é o estado de homem; e quem quer seja bem educado para esse, não pode desempenhar-se mal dos que com esse se relacionam. Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica ou a advocacia pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar, saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o faça mudar de situação, ele estará sempre em seu lugar.

Rousseau (1973) assevera ainda que o preceptor deve cumprir um sentido instrutivo, embora seja pela via da educação negativa, pois ele afirma que “amanham-se as plantas pela cultura e os homens pela educação” (Rousseau, 1973, p. 10). Portanto, essa comparação entre natureza (plantas) e cultura (educação) aproxima seu ideal de formação natural, ou do que ele chama de educação natural e/ou, às vezes, de educação negativa em contraposição à educação positiva.⁷ Pois, Jean-Jacques, o tutor, ao deixar a natureza agir, sua diligência natural permitirá

⁶ O *Bildungsroman* teve sua origem na Alemanha no final do século XVIII e se constitui como um gênero literário que se configura como um romance de formação, uma novela pedagógica que evidencia um aprendizado de um ou mais personagens. Pois esse tipo de narrativa acompanha o desenvolvimento psicológico, moral e social, geralmente desde a juventude até a maturidade, como acontece no *Emílio*, explorando seu processo de autoformação e integração na sociedade.

⁷ Rousseau as diferencia muito bem na *Lettre à Christophe de Beaumont*: “Eu chamo de educação positiva aquela que tende a formar a mente antes da idade e a dar à criança o conhecimento dos deveres do homem. Eu chamo de educação negativa aquela que tende a aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de nosso conhecimento, antes de nos dar este conhecimento e que prepara para a razão pelo exercício dos sentidos. A educação negativa não é ociosa, longe disso. Não dá virtudes, mas evita vícios; não aprende a verdade, mas preserva do erro. Dispõe a criança para

a Emílio a liberdade para observar, pensar sobre o que vê, experimentar e agir dentro das possibilidades. Isto é, Emílio receberá uma educação negativa, que permite que as forças naturais ajam nas forças corporais e no espírito, sem a injunção de livros, lições verbais e ordens de castigos. Uma vez que as crianças nascem carentes e fracas, e a educação proverá o que elas necessitarão para a sua vida em sociedade, a educação negativa é a melhor via do processo de formação, pois promove a aquisição do conhecimento do modo mais natural possível. E isso não significa não ensinar nada, mas ensinar no tempo certo e de modo correto. Como dizem Paiva e Magalhães (2023, p. 47), “conduzir à criança no caminho da natureza não é deixá-la crescer sem regras, mas possibilitar que sua liberdade seja bem regrada, como ideal normativo regulador da autonomia”.

Com isso, o preceptor tem que restringir-se a anular os obstáculos, mas sem esquecer que a liberdade deve ser bem regrada, pois trata-se de uma educação com alvo idêntico ao da natureza, a qual possibilita a liberdade, mas possui também seus limites. O que nos leva a pensar que, no fundo, Rousseau defende que a educação seja de natureza tripla, pois ela prepara o indivíduo para si mesmo, para o convívio com seus semelhantes e com as próprias coisas (Paiva, 2021), isto é, os objetos que o cercam. O caminho é o da educação doméstica, a qual ocorre no ambiente familiar, e os pais ou tutores devem ter um papel ativo e significativo nesse processo, pois essa situação gera benefícios que permitem fortalecer os vínculos afetivos, os quais são importantes para as relações sociais e o desenvolvimento durante a infância. Este tipo de educação proposta no *Emílio* é uma perspectiva diferente das instituições educativas, como as oferecidas pelos jesuítas de sua época, os quais trabalhavam com uma educação formal, escolarizada e restrita a métodos impositivos do conhecimento. Tais instituições isolavam as crianças do convívio com sua família para que pudessem aprofundar, no seminário, os estudos clássicos.

Para Rousseau a figura dos pais é importante, principalmente a materna que é fundamental na educação da criança, conforme manifesta no início do *Emílio*, ao dedicar seu próprio tratado a “uma boa mãe que sabe pensar” (Rousseau, 1973, p. 5). As palavras que abrem o Livro I, sobre jardim, plantas etc. são ao mesmo tempo um conselho que expressa o valor e o cuidado que se deve ter com os filhos, no modelo das jardineiras, que cuidam de seu jardim e

tudo que a pode conduzir à verdade quando pode ouvi-la, e ao bem quando pode amá-la” (Rousseau, 1969, p. 945 – *Apud* Paiva e Magalhães, 2023, p. 39).

semeiam para colher bons frutos. Dessa forma, as crianças precisam ser cuidadas para quando se encontrarem na etapa da juventude possam ser autossuficientes, responsáveis e capazes de apreciar os bons costumes. Nas palavras do autor:

E a ti que me dirijo, terna e previdente mãe, que te soubesse afastar do caminho trilhado e proteger o arbusto nascente contra o choque das opiniões humanas. Cultiva, rega a jovem planta antes que morra; seus frutos dar-te-ão um dia alegrias. Estabelece, desde cedo um cinto de muralhas ao redor da alma de tua criança. Outro pode assinalar o circuito mas só tu podes erguer o muro (Rousseau, 1973, p. 9-10).

Ele comenta que a educação primeira deve ser conduzida pelas mulheres, porque tem a capacidade de alimentar naturalmente aos seus filhos, pois por meio da amamentação e com seus cuidados criam um vínculo que permite brindar-lhes calor, amor e proteção. Nesse sentido, a criança precisa mais da figura ou presença materna que a paterna, ou de outros relacionados, especialmente nos primeiros dois anos de vida quando o recém-nascido precisa ser amamentado, uma vez que o leite materno possui anticorpos que o protege de doenças, beneficiando seu crescimento e seu desenvolvimento.

O filósofo ainda assevera que a educação vem de três mestres: da natureza, das coisas e do homem (que nos remete de volta à ideia da função tripla da educação). O primeiro mestre é a educação da natureza, que consiste na evolução dos órgãos internos e das faculdades da criança, em que o controle não necessita de ninguém, ou seja, a própria natureza age sozinha. O segundo, é a educação das coisas, em que nossas experiências em contato com os objetos nos atingem. E, o terceiro mestre, que compreende a educação dos homens, em que o desenvolvimento acontece nas relações humanas, melhor dizendo, o uso que nos é ensinado a fazer do desenvolvimento moral e político (Rousseau, 1973).

Dessa forma, ao pensar sobre a infância, as três educações estão presentes, pois desde seus primeiros anos de vida as crianças têm contato com adultos, com o ambiente e com as coisas que as cercam. Nos dois primeiros livros do *Emílio* é o primeiro mestre, a “natureza” que determina o processo. E, embora a educação das coisas e a dos homens exerçam também um papel importante, devem estar sempre relacionadas à educação da natureza, pois, “dado que a ação das três educações é necessária à sua perfeição, é para aquela sobre a qual nada podemos que cumpre orientar as duas outras” (Rousseau, 1973, p. 11).

Outro fator a ser observado é que embora a educação natural proposta no livro I do *Emílio* parta de processos pedagógicos que conferem a liberdade às crianças, a condução de um

adulto não é desconsiderada, pois o desenvolvimento das dimensões morais, cognitivas e biológicas não acontece naturalmente e nem aleatoriamente. É preciso a condução do adulto que, no caso do *Emílio*, é exercida por Jean-Jacques, o sábio preceptor que consegue compreender a marcha da natureza e bem conduzir essa tripla educação.

Considerando a primeira infância e suas relações com os três mestres, o filósofo genebrino diz que:

A educação primeira deve portanto ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e do espírito do erro. Se pudésseis conduzir vosso aluno são e robusto até a idade de doze anos, sem que ele soubesse distinguir sua mão direita de sua mão esquerda, logo às vossas primeiras lições os olhos de seu entendimento se abriram para a razão. Sem preconceitos, sem hábitos, nada teria ele em si que pudesse contrariar o resultado de vossos cuidados. Logo ele se tornaria, em vossas mãos, o mais sensato dos homens; e começando por nada fazer, tereis feito um prodígio de educação (Rousseau, 1973, p. 80).

Como fica claro na citação acima, o termo “educação negativa” não se refere a aspectos prejudiciais, nocivos para a criança. Pois ela reforça a necessidade de formar o homem, preservando no coração e na alma da criança, sua bondade e ternura. E, também, das experiências e dos aprendizados que inspiram a diversão, ao invés de lições morais, ou pura transmissão de conhecimento já sistematizado em livros e manuais. Para Rousseau, é a natureza quem deve educar. Assim, é importante que a criança seja a protagonista de seu próprio aprendizado, mesmo que auxiliada pelo adulto, quem tem a condição de encorajar seu senso de autodireção e sua autonomia. Como diz Dalbosco (2019, p. 50):

A teoria educacional esboçada no *Emílio* faz o autogoverno individual a ser conquistado progressiva e indefinidamente pelo aluno fictício depender cada vez mais da liberdade bem regrada, a qual, por sua vez, exige o equilíbrio entre espontaneidade criativa da criança e sua resistência às inevitáveis pressões do meio.

Cabe ao preceptor acompanhar o desenvolvimento da criança, guiando-a nesse processo, principalmente quando a idade exige a ação dos demais mestres, além do mestre natureza, para introduzir a criança no mundo moral. Esse é o caminho para que se preserve o amor de si, sem que o amor-próprio o subjuguem, e que se prepare o jovem para adentrar o mundo das relações humanas e sociais:

A única paixão natural no homem é o amor de si mesmo, ou o amor-próprio, tomado num sentido amplo. Esse amor próprio em si, ou relativamente a nós, é bom e útil; e como não tem relação necessária com outrem, é, deste ponto de vista, naturalmente indiferente; só se torna bom ou mau pelas aplicações

que dele se fazem ou pelas relações que se lhe dão. Até que o guia do amor próprio, que é a razão, possa nascer, importa portanto que uma criança não faça nada porque é vista ou ouvida, nada em suma em relação aos outros mas tão-somente o que a natureza dela exige; e então ela só fará o bem (Rousseau, 1973, p.78).

Na terminologia rousseuniana, o amor de si é o primeiro sentimento que se manifesta entre o natural e o homem, uma vez que o amor-próprio somente se encontra na civilidade. O amor de si orienta o próprio homem e está relacionado ao autocuidado e ao bem-estar individual seguindo às leis da natureza. Por sua vez, o amor-próprio nasce da subjetividade, da busca de reconhecimento e das comparações, por meio das manifestações das paixões e das inclinações (Rousseau, 1973). E, como o autor deixa claro, o lugar onde essas paixões são menos prejudiciais é o campo. Como Pissarra (2002, p. 61) afirma:

Por meio de uma educação negativa e livre. Para proteger a criança da influência da civilização é necessário educá-la no campo, longe do convívio familiar, da sociedade e dos livros. Deixa-se a criança livre para se formar por meio de sua própria experiência, sendo a natureza seu melhor preceptor. Só assim é possível resgatar o homem natural.

Assim, retomam-se aos fundamentos basilares de Rousseau, enunciados no início deste artigo e comentados esporadicamente ao longo do texto, quais sejam os que embasam uma formação humana que evoca a liberdade e se desenvolve na e pela natureza, seguindo a evolução da criança, para o resgate do homem natural. Ademais, retoma-se ainda o que foi enunciado: o melhor espaço para o desenvolvimento dessa formação é o campo.

A cidade e o campo são dois contextos com realidades diferentes, cada uma delas representa um espaço com dimensões e estruturas próprias. São ambientes distintos, pois em uma o que prevalece é ordenamento urbanizado e na outra o ordenamento da própria natureza. São evidentes os contrastes e as diferenças que existem entre estes dois espaços. Por um lado, a cidade representa o desenvolvimento econômico que possibilita maiores oportunidades de emprego, permitindo o acesso aos serviços públicos. Essa realidade fomentou uma diáspora do êxodo campesino para os povos e cidades em busca de melhores condições de vida, produzindo-se nas cidades uma superlotação pela sobrevivência.

É importante mencionar que, desde a época de Rousseau até hoje, foram surgindo avanços tecnológicos. Nesse sentido, as cidades foram transformadas pelas invenções do homem, as quais causaram impactos positivos e negativos no meio ambiente, como a contaminação ambiental que, de alguma forma, restringem o desenvolvimento da criança, já

que não lhes proporciona plenamente a capacidade de exploração e descoberta durante o crescimento, não permitindo, por exemplo, que banhem nos rios ou lagos, haja vista a poluição das águas; ou que corram pelos bosques, uma vez que as áreas ao redor das cidades foram urbanizadas ou desmatadas para plantios agrícolas, etc.

Podemos mencionar que a simplicidade do estilo de vida que há no campo aporta inumeráveis benefícios à criança, uma vez que pode favorecer, de algum modo, o desenvolvimento da linguagem, como disse Rousseau, pois para ele esse espaço amplo e livre lhes permite pronunciar adequadamente as palavras e comunicar-se de uma forma mais clara. Outrossim, o campo certamente desenvolve seu gosto pela liberdade e permite que corra e se exercite o máximo possível. Diz ele:

Há um exercício puramente natural e mecânico que serve para tornar o corpo robusto, sem de modo algum apelar para o julgamento: nadar, correr, pular, chicotear um pião, jogar pedras; tudo isso está muito certo; mas teremos somente braços e pernas? Não teremos também olhos e ouvidos? E tais órgãos serão supérfluos ao uso dos primeiros? Não exerciteis portanto tão apenas as forças, exercitai todos os sentidos que as dirigem; tirai de cada um deles todo o proveito possível e verificai depois o resultado de um sobre o outro. Medi, contai, pesai, comparai. Não empregueis a força senão depois de terdes avaliado a resistência; fazei sempre de modo que a avaliação do efeito precede o emprego dos meios. Interessai a criança a nunca fazer esforços insuficientes ou supérfluos. Se a acostumais a prever assim o efeito de todos os seus movimentos, e a corrigir seus erros pela experiência, não se torna claro que quanto mais ela agir mais se fará judiciosa? (Rousseau, 1973, p. 130)

Desde o século XVIII até nossos dias, pode-se perceber que a vida no campo é mais tranquila e sossegada, com mais possibilidades para trabalhar as questões da educação natural, portanto a cidade é um lugar mais inóspito e caótico. Dessa forma, o campo é o ambiente propício para educar a criança, já que o espaço e o tempo permitem desenvolver a liberdade e a autonomia que são fundamentais na educação da criança: “Assim, autonomia deve ser entendida como a habilidade de aprender por si mesma, bem com a capacidade de pensar e decidir por conta própria, com base em argumentos racionais, com poder de esclarecimento e persuasão” (Paiva; Magalhães, 2023, p. 47).

Os camponeses possuem uma educação que se aproxima da proposta pedagógica de Rousseau. Mesmo que não seja formal e escolarizada, a educação natural que se desenvolve no campo tem como elementos a amplitude dos espaços, a proximidade com as condições naturais, a liberdade e a simplicidade nas quais o mestre “coisas” pode agir de forma lúdica ao proporcionar tantos objetos naturais que se transformam em pedagógicos pela educação natural

que a criança vivencia. Inspirados pelas descrições líricas que Rousseau faz dessas condições, arriscamos aqui uma descrição meio poética desse cenário: A natureza é fonte que brinda vida, saúde, felicidade, liberdade e recreação aos seus moradores. Nas altas montanhas se encontram os nascimentos dos riachos, que ao unir-se com outros dão origem aos rios que tem como meta desembocar em outros canais de pequenos ou grandes caudais, os quais sustentam os habitantes dos casarios, povos, cidades e metrópoles. O que nos faz lembrar da admoestação de Rousseau sobre as cidades como “báratros”, isto é, um abismo profundo:

As cidades são os báratros da espécie humana. Ao fim de algumas gerações as raças morrem ou degeneram; é preciso renova-las e é sempre o campo que procede a essa renovação. Mandai portanto vossos filhos renovarem-se, por assim dizer, a si mesmos, recuperando nos campos o vigor perdido no ar mansão dos lugares demasiado povoados (Rousseau, 1973, p. 38).

As crianças que moram na cidade não têm contacto com a natureza, mesmo em seus tempos livres, pois na atualidade a infância é abarrotada por aparelhos celulares. Perdem, inclusive, as oportunidades quando os adultos organizam planos recreativos, como para suas férias, feriados de Carnaval, Semana Santa, Natal ou qualquer tempo livre que aproveitam para visitar os familiares que moram no campo ou pequenas cidades do interior. Essa afirmação pode parecer piegas, mas nos dias de hoje dificilmente uma criança deixa seu aparelho para mergulhar em um rio, até porque a grande maioria não deve saber nadar; ou para subir em uma árvore ou correr livremente pelo campo. Vivemos, talvez, novas formas de infância que sofrem o impacto das tecnologias e da vida virtual que, lamentavelmente – para o aspecto que foi proposto discutir aqui, isto é, na perspectiva de Rousseau – enterra de vez a infância como idade dourada, livre para estar em conexão com a natureza.

Talvez as atividades recreativas e campais que as escolas empreendem esporadicamente possam servir como uma luz no fim do túnel, pois os acampamentos, por exemplo, mesmo que as crianças sejam acompanhadas pelos adultos ou guias, proporcionam um pouco do que Rousseau defende: liberdade, alegria e satisfação de estar próximo da natureza. Pois, aí se reúnem para interagir com o ambiente natural, fazem fogueiras, exploram os bosques, estudam os insetos, observam os pássaros e realizam outras atividades que tentam afastá-las da realidade virtual e das tecnologias.

A evocação de Rousseau desse cenário é poética e, com ele, inevitavelmente nos envolvemos nessa poesia. Diz ele: “É principalmente nos primeiros anos de vida que o ar atua sobre a constituição das crianças. Numa pele delicada e mole, ele penetra por todos os poros,

afeta fortemente os corpos em desenvolvimento, deixa-lhes impressões que não se apagam” (Rousseau, 1973, p.37). Mesmo que alguns possam discordar, é encantador e saudável viver ou visitar acima das montanhas para respirar o ar puro, tomar a água doce cristalina e potável. É prazeroso e saudável também visitar e contemplar a vegetação, especialmente flores, plantas, arbustos e árvores; escutar as melodias dos pássaros, como os colibris, e borboletas que estão se nutrindo; observar como as abelhas se alimentam do néctar das flores. Igualmente, é gratificante e satisfatório ver os adultos e crianças banharem-se nas fontes e construírem seus fogões para cozinhar as comidas que, geralmente, consistem em caldos e sopas apetitosos; ou mesmo acendendo o fogo e realizando outras atividades compartilhadas que servem como experiências de vida.

De modo que, sendo aqui um pouco propositiva, é importante que as crianças da cidade realizem frequentes visitas ao campo para contatar-se com o exuberante meio natural. Nesse sentido, no campo as crianças aprendem por meio de seus sentidos e das experiências vivenciadas, visto que o ambiente campesino possibilita educar, longe das influências negativas da cidade, seguindo princípios puros ao ter o contato com o bucólico e se desenvolvendo de forma saudável e integral, como afirma Dalbosco (2011, p. 166):

Para fortalecer a formação do caráter virtuoso da criança contra uma educação viciosa oriunda dos hábitos do adulto, Rousseau adota a exigência de colocar a criança frente a frente com as mais diversas provocações oriundas das forças e intempéries naturais. Daí que a simplicidade da vida no campo, junto à natureza, adquire importância, segundo ele, porque, ao encontrar na sua relação com a natureza um contraponto à artificialidade do mundo adulto, a criança estaria lançando raízes fecundas na formação de um caráter sensível, autêntico e solidário.

No campo, para além da forma singela de se viver, diferenciando-se da agitação dos centros urbanos, tem-se um dos princípios da educação natural para a formação humana: a liberdade. As crianças aprendem e crescem explorando a natureza através de seus sentidos, na interação com o ambiente. Assim, para Rousseau (1973), o refinamento dos sentidos da criança acontece nas interações com os elementos da natureza e na interação com o mundo externo, refletindo na aprendizagem. Além disso, a criança que se desenvolve de forma livre na natureza, aprende a buscar o conhecimento por meio das experiências e da observação, demonstrando confiança em si mesma e com suas ações consonantes à sua própria vontade. Como bem destaca Rousseau (1973, p. 113): “Quanto a meu aluno, ou melhor o da natureza, exercitado desde cedo

a bastar-se a si mesmo na medida do possível, não se acostuma a recorrer sem cessar aos outros e menos ainda a exhibir-lhe seu grande saber”.

Ao educar no campo, também é possível encaminhar a formação humana na autodireção da criança, permitindo o seu desenvolvimento com criatividade, autonomia e discernimento, sem a imposição rígida de regras e controle total de seus movimentos. Uma vez que a liberdade bem regrada, como a que Jean-Jacques desenvolve com Emílio, possibilita que tome decisões e desenvolva habilidades que são fundamentais para sobreviver e ter um bem-estar. Nesse sentido, a existência de conexão entre o estado natural e o ambiente para a formação da criança a aproxima da natureza e de sua verdadeira essência, pois

O Autor das coisas não provê apenas nossas necessidades próprias, sempre ainda que nos damos nós mesmos; e foi pôr sempre o desejo ao lado da necessidade, que fez com que nossos gostos mudem e se alterem com nossas maneiras de viver. Quanto mais nos afastamos do estado de natureza mais perdemos nossos gostos naturais; ou melhor, o hábito cria em nós uma segunda natureza que substituímos a tal ponto à primeira, que nenhum de nós conhece mais esta (Rousseau, 1973, p. 155).

Considerações finais

Portanto, é importante considerar o campo como o lugar ideal para estabelecer conexões com a natureza. No campo há o estímulo para que a criança aprenda por si mesma, desenvolvendo a autonomia e a liberdade. E por mais que esteja sujeita aos limites da natureza e à condução de seu tutor, a criança está mais distante das regras rígidas e das influências sociais que impossibilitam o gozo de sua liberdade. Por essa razão que o preceptor de Emílio indica o campo como o melhor lugar para dar início à educação de seu pupilo, posicionando-o à distância dos vícios da vida urbana. É o espaço mais adequado para uma intensa interação com o ambiente, para explorar a natureza em todo seu potencial formativo, para desenvolver seu crescimento físico, e para fortalecer o emocional e ainda ampliar sua capacidade cognitiva. Isso, certamente, deve proporcionar o equilíbrio entre o corpo e a mente, que é de fundamental importância para si mesmo e para seu convívio social.

Nesse sentido, mesmo no amplo espaço natural, a criança se relaciona com seu tutor, com algum transeunte e com os camponeses e aldeões. Por isso que Rousseau ressalta o campo como o espaço para “iniciar” essa educação, uma vez que ao longo do *Emílio*, sobretudo nos livros III e IV, o processo o encaminha para a socialização que culmina com seu matrimônio,

relatado no Livro V. Afinal, o conselho que Rousseau coloca na boca do preceptor, ao encerrar o livro, é: “Deves viver no meio deles, ou ao menos em lugar onde possas ser-lhes útil na medida de tuas forças, e onde saibam ir buscar-te se precisarem de ti” (Rousseau, 1973, p. 561).

Assim, depois de haver abordado alguns aspectos relacionados à educação no campo, desde a perspectiva do autor do *Emílio*, podemos afirmar que esse *bildungsroman* é uma proposta de formação da criança que em muitos aspectos continua vigente, visto que a sociedade cada dia mais carece dos benefícios oferecidos pela natureza, como: a harmonia, a tranquilidade, a beleza e a paz que se encontram no âmbito campestre. E, também, permite que a criança, através da experiência, compreenda e dê-se conta da grande importância de preservar o ecossistema. Pois o campo se torna um lugar privilegiado e paradisíaco distinto das cidades, onde proliferam as ações depredatórias do meio ambiente, além da poluição sonora, visual e atmosférica, cada vez mais intensa. Por outro lado, vale mencionar que não se pretende subestimar o espaço urbano. A finalidade é simplesmente ressaltar e mostrar a importância de se educar no campo, pois como Rousseau o demonstra bem, é nele que a criança exerce melhor sua liberdade e tem as melhores condições para seu desenvolvimento corporal e cognitivo.

Para concluir, entende-se que a proposta de educar no campo no século XXI deve-se diferenciar da proposta de formação humana de Rousseau no século XVIII, visto que vivemos uma realidade bem mais urbanizada, mais tecnológica e muito mais dinâmica. Entretanto, o campo ainda reserva beleza natural, a simplicidade e a singularidade de ambientes nos quais as relações humanas são mais simples e diretas. Ao educador, fica a contribuição que o filósofo genebrino nos legou através de seu romance *Emílio ou da educação*, cujo sentido mais significativo é o de abrir caminho para uma formação humana com liberdade e autonomia, assim como o de construir a ponte que liga a natureza à cultura.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BOTO, Carlota. A invenção do Emílio como conjectura: opção metodológica da escrita de Rousseau. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.1, p. 207-225, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/kCqX6BjZT5DHJcqMyN7mCrN/?format=pdf>>.
- DALBOSCO, Cláudio Almir. **Educação natural em Rousseau: das necessidades da criança e dos cuidados do adulto**. São Paulo: Cortez, 2011.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Metamorfoses do conceito de formação: da teleologia fixa ao campo de força. *In*: DALBOSCO, Cláudio Almir, MÜHL, Eldon Henrique e FLICKINGER, Hans Georg (orgs.). **Formação Humana (Bildung):** despedida ou renascimento?. São Paulo: Cortez, 2019. p. 35-64.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: o bom selvagem.** São Paulo: FDT, 1989.

JOHNSON, Paul. **Intellectuals.** New York: Harper Perennial, 2007.

PAIVA, Wilson Alves; MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. A infância no pensamento de Rousseau. *In*: **Tecnia. Revista de educação, ciência e tecnologia do IFG.** v. 8, n. 1, p. 31-56.

PAIVA, Wilson Alves. **O Emílio de Rousseau e a formação do cidadão do mundo moderno.** 2. ed. Belo Horizonte: Dialética, 2021.

PISSARRA, Maria Constança Peres. **Rousseau – a política como exercício pedagógico.** São Paulo: Moderna, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões.** Lisboa: Editora Portugália, 1964.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres completes.** Paris: Gallimard, v. 5, 1959-1995.